

# UMA PROPOSTA DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EJA

Valéria Pereira, Eronaldo Fernandes de Araújo  
PIBID/Universidade Estadual da Paraíba

## Resumo

O presente trabalho tem por objetivo expor o conhecimento prévio de língua e cultura inglesa dos alunos da EJA, voltado para o cotidiano da tradução e a associação com a linguagem visual. A atuação do docente, prejudicada pela carga horária, material didático não condizente com a realidade do ensino que, submetida a uma herança educacional brasileira conflituosa, faz com que cada vez mais os alunos percam o interesse na aprendizagem de uma língua estrangeira. Assim, a proposta realizada para imprimir uma nova concepção voltada ao cotidiano dos discentes, configurando assim uma nova abordagem de ensino, com o objetivo de resgatar a atenção e o interesse, baseia-se no trabalho com a semiótica associada à tradução de ações, emoções e reconhecimento dos símbolos da cultura e da língua inglesa a partir de imagens apresentadas no cotidiano. Os resultados mostram a eficácia do método, pois este pressupõe o conhecimento cotidiano que cada aluno tem ou observa, nas interações sociais, e o utiliza como premissa para o desenvolvimento da atividade pedagógica, promovendo inclinação para o seu desenvolvimento nas quatro habilidades fundamentais da língua inglesa: *speaking, listening, reading* e *writing*.

**Palavras-chave:** EJA; Língua Inglesa; Ensino/aprendizagem.

## Introdução

Nosso trabalho vem a abordar um estudo sobre a formação da Eja no Brasil, o perfil dos docentes e discentes bem como a realidade da aplicação e compreensão do referido componente curricular, verificando seus entraves presencialmente e voltando nossa posição de futuros docentes como colaboradores para uma nova situação. Nossa atuação no PIBID permite a reflexão sobre o atual processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa da Educação para Jovens e Adultos bem como busca soluções para sanar os problemas existentes na mesma.

Trazemos uma proposta para a construção da aprendizagem em Língua Inglesa dos alunos, utilizando uma metodologia que possa ser benéfica para atuação em sala de aula. Trabalhamos com imagens focando em uma tradução, não apenas imediata, onde o aluno com sua experiência de vida faz associação analógica com a imagem, chegando ao propósito do projeto que é a construção do saber a partir do cotidiano em ações vividas por eles mesmos.

## História da EJA no Brasil

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino voltada para pessoas que não frequentaram a escola regular na idade apropriada. Cada série do ano letivo é cursada em um

semestre, onde todas as disciplinas curriculares são ministradas nesse breve espaço de tempo. O surgimento da EJA no Brasil teve início nos anos 30 do século XX e a cada década houve inovações de programas e campanhas voltados para a alfabetização dos adultos.

As mudanças políticas e econômicas ocorridas na década de 1930 permitiram o início de significativas mudanças no sistema de ensino. Com a constituição de 1934, surge o Plano Nacional de Educação o qual determinava como dever do Estado a responsabilidade pela educação de adultos e ofertava a mesma qualidade de ensino da escola primária regular.

Em 1947 foi realizada uma Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos com o objetivo de introduzir uma educação de base voltada para adultos. Tal educação era equivalente à escola primária, e agiu estrategicamente em duas finalidades: os planos de ação extensiva (alfabetização de grande parte da população) e os planos de ação em profundidade (capacitação profissional e atuação junto à comunidade) tendo repercussão nacional englobando zonas rurais e urbanas .

No início da década de 1950, a referida campanha promoveu a concretização de 16.500 salas de aula em funcionamento educacional e aproximadamente 720 mil alunos inseridos. Esses dados mostram por evidência o caráter positivo ao qual se deu início a implementação da campanha e da qual se extraiu, a princípio, o efeito esperado: alfabetizar adultos. Cabe lembrar que em meados do século XX, o conceito de alfabetizar estava relacionado a ensinar o aluno a fazer sua própria assinatura.

[...] ao longo do século XX, essa faceta do analfabetismo foi tratada como um mal que assolava a sociedade e que precisava ser erradicado; era preciso diminuir a ‘ignorância’ e formar um ‘coletivo eleitoral’ que viesse a responder aos interesses da elite política. (SOUZA, 2007, p.83)

A pretensão política existente naquela época era alcançar novos eleitores através da massa analfabeta, grupo capaz de aceitar alguma “sugestão” que lhe fosse imposta. Grande ocorrência se deu de jovens sem quaisquer documentos que tiveram seus registros de nascimento feitos nos cartórios com idades superior às que tinham no momento, ato realizado sob ordem de políticos no intuito de conseguir votos. Nesse período, pessoas foram “alfabetizadas”, ou seja, aprenderam a assinar o nome e elas próprias se consideravam alfabetizadas. Uma comprovação do que foi relatado é que atualmente os idosos dessa época que não aprenderam a escrever o nome trazem em sua carteira de identidade a referência “não-alfabetizado”.

Na ação de alfabetizar, ocorre a prática de ensinar a ler e a escrever. Mas no processo de ensino-aprendizagem não cabe somente essa prática, mas também o letramento, termo semelhante à primeira vista em relação a alfabetizar, mas com conceitos diferenciados. O letramento utiliza a leitura e a escrita para as práticas sociais. Alfabetizar letrando é o ponto chave tanto para o início quanto para todo o caminhar na trajetória de ensino nas suas diferentes modalidades.

Na década de 1960, mais precisamente em 1963, surge o Programa Nacional de Alfabetização através do Ministério da Educação sob a coordenação do educador e filósofo Paulo Reglus Neves Freire. O mencionado programa objetivava alfabetizar 4 milhões de pessoas com uma pedagogia voltada diretamente ao ensino de adultos. Embora iniciado, foi desarticulado devido ao golpe militar de 1964 e muitos componentes do programa sofreram perseguições e foram exilados. Freire, a exemplo disso, foi exilado no Chile e posteriormente em outros países não deixando desarticulada, no entanto, a sua pedagogia e iniciou a divulgação da mesma nos moldes educacionais. Os conceitos e ideais de Paulo Freire foram reconhecidos pela Unesco e suas experiências educacionais trouxeram uma nova concepção de ensino e proposta de alfabetização. A primeira cidade a aplicar o método Paulo Freire com muito sucesso foi Angicos, no Rio Grande do Norte e, a partir daí, se expandiu por todo o Brasil.

Os anos 70, marcados pela ditadura militar revela o surgimento do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), visando acabar com o analfabetismo no decorrer de uma década e educando o aluno a ler e a escrever. Sendo estas suas verdadeiras preocupações, não havia maior aprofundamento com a formação cognitiva, uma vez que ler e escrever já seriam o suficiente para o adulto melhorar de condições. A real intenção do Mobral era controverso aos objetivos encontrados nos textos oficiais.

Na década de 80, houve o processo de redemocratização no país, o Mobral foi extinto dando lugar à Fundação Educar. A fase de redemocratização contribuiu para a expansão das atividades da Eja. Esta, por sua vez, teve apoio e defesa por estudantes, educadores e políticos organizados em promover o fortalecimento da Educação para Jovens e Adultos, visando alcançar todos os brasileiros considerados analfabetos.

Em março de 1990, a Fundação Educar deixou de existir e durante o governo Collor, a União se afastou dos compromissos relacionados com a Eja, transferindo a continuação da mesma para os governos estaduais e municipais. No início dos anos 2000, foi criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, após o anúncio do Ministério de Educação e Cultura (MEC) se referindo a prioridade dada pelo Governo Federal à alfabetização de jovens e adultos. Em relação a estes, atualmente, o Programa Brasil Alfabetizado reforça as iniciativas governamentais no combate ao analfabetismo.

## **O ensino de Língua Inglesa na EJA**

O ensino de Língua Inglesa na Educação de Jovens e Adultos requer atenção de vários fatores que necessitam ser identificados e abordados com bastante precisão pelo docente, haja vista serem indispensáveis tanto para o ensino quanto para a aprendizagem eficazes. Tais fatores como

contexto social e educacional dos alunos, idades dos mesmos, objetivos e metodologias de ensino, ambiente escolar e material didático, se tornam a “esfera” circundante ao progresso do alunado onde precisam ser trabalhados de forma positiva a fim de que possam contribuir para o aprimoramento do conhecimento dos estudantes.

Torna-se evidente que o docente da Eja deva se inserir na realidade do aluno, vindo a conhecer suas dificuldades e expectativas, visando estabelecer um elo confiante entre ambos os lados, de forma que haja efetivos avanços no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, conhecer as expectativas dos discentes procurando uma abordagem significativa a qual possa inseri-los a uma gama de conhecimentos abrangentes que a Língua Inglesa oferece aos seus aprendizes. Percebemos que estes obtêm uma visão limitada sobre o referido assunto, onde pensam que o estudo de uma língua estrangeira está condicionada apenas às regras gramaticais.

A busca pela interação professor-aluno nesse âmbito se torna o ponto de partida para conduzir todo o processo de ensino-aprendizagem voltado para o real aprendizado do aluno na Língua Inglesa. Esta é negada na maioria das vezes pelos próprios discentes uma vez que não percebem sentido em aprendê-la por acharem não ser necessária sua utilização nas ações cotidianas, ou por convicção afirmam que o aprendizado só seria útil caso viajassem para o exterior.

Assim, essa situação é retratada por Perin (2005, p.150)

Apesar de reconhecerem a importância de se saber inglês, os alunos tratam o ensino de língua inglesa ora com desprezo, ora com indiferença, o que causa na maioria das vezes a indisciplina nas salas de aula [...]. O professor trabalha com a sensação de que o aluno não crê no que aprende, demonstrando [...] menosprezo pelo que o professor se propõe a fazer durante a aula.

O professor se depara com uma reduzida carga horária, falta de entusiasmo e desinteresse da turma em relação à disciplina, frequentes faltas e o material didático não condizente com o histórico social do aluno. A referida situação causa desgaste em ambas as partes e muitas vezes o professor se vê apenas um cumpridor de sua função profissional sem alcançar objetivos concretos e resultados de êxito.

O perfil dos discentes da Educação de Jovens e Adultos é de pessoas de baixa renda, que não puderam acompanhar as séries na idade certa por trabalharem durante o dia no comércio em virtude de auxiliar o sustento familiar, também desistência da frequência escolar devido à gravidez ou casamento precoce, falta de incentivo familiar, entre outros. É dentro desse contexto que o professor entra em cena não apenas como transmissor de conhecimento, mas como um parceiro e ponte intermediadora entre os propósitos da escola, os seus e os dos alunos.

Outro empecilho presente nessa modalidade de ensino, é a espera pela chegada dos alunos que trabalham durante o dia e quando chegam à aula já a encontram em andamento e aproveitam o mínimo restante, ou o professor adia por alguns minutos o início da aula em virtude desses alunos.

Estes ainda alegam falta de tempo para estudar em casa e realizar pesquisas solicitadas pelo docente.

Tais fatos desfavorecem o comprometimento por parte dos estudantes bem como desfavorece a atuação docente em sala. Vem a questão da exigência da escola em que se cumpra o plano de curso embora não haja o mesmo grau de cobrança da disciplina em questão como há nas outras disciplinas. Os alunos da Eja possuem ritmos distintos de aprendizagem, fato que leva a escola e o professor a repensar a diversidade e elaborar um suporte de apoio aos discentes. Chegam à Eja sem um bom desenvolvimento linguístico, tanto na própria língua quanto na língua estrangeira e muitas vezes não se interessam em realmente aprender, lhes falta entusiasmo e objetivo pós-escola pois o que almejam é apenas concluir os estudos em vista de um emprego melhor. Os alunos não se veem exercendo uma profissão, entendem que não faz parte de sua realidade. Cada individualidade presente em sala traz sua história particular e todas se reúnem com um propósito em comum: o diploma.

É complicado trabalhar as 4 habilidades de ensino em Língua Inglesa (*speaking, listening, reading e writing*) em virtude da grade horária. A intenção das escolas regulares é desenvolver o “reading”, face o Processo Seletivo Seriado (PSS). Mas, para se ensinar efetivamente o inglês, é necessário trabalhar as 4 habilidades. Normalmente quando se aprende uma nova língua tende-se a pensar na língua nativa, o que pode ocasionar interferência na construção frasal da LE<sup>1</sup>. O aluno deverá estrutura-la pensando em inglês, de modo que haja clareza na concepção da língua e competência comunicativa coerente com a nova construção sequencial de léxicos estrangeiros.

### **A imagem como instrumento de aprendizagem em Língua Inglesa**

A princípio, a imagem pode ser conceituada como uma figura que está diante de nós, que se vê e nada mais, como no campo da arte, esta ligada essencialmente a representação visual. Apesar da diversidade dos significados dessa palavra, a compreendemos quase sempre como representação visual. Podemos traduzi-la e chegar a conclusões que, cada indivíduo com sua experiência, pode relatar a mensagem que tal imagem representa. Uma das mais antigas definições dadas por Platão, na República e nos Diálogos, afirma que: “Chamo de imagens, em primeiro lugar às sombras: em seguida, aos reflexos nas águas ou à superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes e todas as representações desse gênero”. Não podemos contestar sua presença na história que vai desde os tempos mais remotos do paleolítico até a época moderna, em que se encontram imagens em cavernas e rochas como forma de comunicação e expressão, bem como também nas religiões.

---

<sup>1</sup> Língua Estrangeira.

Instrumento de comunicação, divindade, a imagem assemelha-se ou confunde-se com aquilo que ela representa. Visualmente imitadora, pode tanto enganar como educar. Reflexo, ela pode conduzir ao conhecimento. A Vida no Além, o Sagrado, a Morte, o Saber, a Verdade, a Arte, tais são os campos para os quais o simples termo imagem nos remete, se tivermos nem que seja um pouco só de memória. (JOLY, 1994, p.19)

Presente desde nos primeiros livros de iniciação escolar, as imagens são importantes recursos para a comunicação e também desempenham um papel fundamental na constituição das ideias, pois são mais facilmente lembradas do que suas correspondentes representações verbais. Trabalhar com imagens, associando-as ao estudo de uma ciência como no caso de uma língua estrangeira, estaremos abrindo possibilidades para um novo método de ensino da qual pouco ainda é trabalhado dentro da sala de aula. O campo visual é amplo e abundante para se extrair diversidade pedagógica, sua contribuição vai além do imediatismo fazendo com que o aluno seja mais reflexivo em suas avaliações e conclusões. Segundo Joly (1994), imagem pode ser também um processo de expressão extremamente rico, inesperado, criativo e mesmo cognitivo.

Entre outros aspectos, estamos nos concentrando apenas na significação que a imagem pode nos representar desligando assim algumas outras teorias tais como, teoria da imagem na sociologia, na psicanálise, na estética, etc. recorrendo a uma mais globalizante, a teoria da semiótica. Ao apresentar imagens com situações cotidianas, mesmo elas contendo uma escrita, os alunos veem o conteúdo escrito e, fazendo analogia a imagem, compreendem e traduzem, fixando melhor o conteúdo proposto.

Sobre esse assunto, Martine Joly, em seu livro *Introdução a Análise da Imagem*, afirma que:

Ainda que as coisas nem sempre tenham sido formuladas deste modo, podemos dizer, agora, que abordar ou estudar certos fenômenos sob o seu aspecto semiótico é considerar o seu modo de produção de sentido, por outras palavras, a maneira como eles suscitam significados, ou seja, interpretações. (JOLY, 1994, p.30)

Isto é, possibilitar perspectivas para a língua inglesa, tratada por muitos como uma obrigação da grade curricular, é atribuir uma nova abordagem no processo cognitivo, diferenciando-o do modelo tradicional. Percebemos que tê-la como objeto de estudo é também codificar e entender, porque é a partir do que vemos, percebemos e conhecemos através da nossa experiência de vida.

### **A semiótica contribuindo na tradução em língua estrangeira**

Numa tradução livre, poderíamos por assim dizer que semiótica é a arte dos sinais, provém do grego “semeion”, que remete a signo. Santaella apresenta o signo como: “não são os signos do zodíaco, mas signo, linguagem. A semiótica é a ciência geral de todas as linguagens”. Assim, a

semiótica não reduz suas pesquisas ao campo verbal. Sinaliza as formas como o homem dá significado a tudo que o cerca.

A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido. (SANTAELLA, 2007, p.2)

A piore não abordaremos a origem de sua teoria e nem seu desenvolvimento. Pretendemos expor a imagem como meio de abordagem metodológica, sendo assim, uma prática reflexiva no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, agregando a facilidade de como as imagens estão presentes no nosso dia a dia.

A tradução, esquecida ou não trabalhada na sala de aula, possibilita ao aluno uma visão diferenciada dos métodos e abordagens que atualmente se encontram no ensino de uma língua estrangeira. Fazendo associação com imagens e atribuindo a elas linguagem verbal, o processo de aprendizagem da língua mostra-se eficiente. Agra (2007) ressalta que:

[...] a tradução não está ligada à significação como a encontramos no dicionário, ou seja, a associação do significado ao objeto do mundo ao qual a palavra se refere ou a descrição das propriedades do seu referente, mas sim, aos sentidos culturalmente construídos, ao subjetivo, a visão de mundo de cada indivíduo.

Sendo assim estudar tradução aliada à leitura de textos do cotidiano, interpretando situações e ações, mostra-se proveitoso e uma estratégia capaz de gerar uma comunicação ampla e diversificada no desenvolvimento das habilidades da língua inglesa.

### **A proposta realizada em turma da EJA**

Face às dificuldades do professor de Língua Inglesa na EJA e ao grau de conhecimento prévio e compreensão dos alunos, elaboramos uma proposta de ensino-aprendizagem, utilizando o conhecimento prévio dos alunos e associando-o a uma nova forma interpretativa da língua. Para tal, utilizamos a tradução de situações cotidianas através de imagens, com o objetivo de relacionar as situações habituais as quais o alunado vive em sua própria experiência com seu aprendizado escolar, permitindo ao mesmo a construção de seu saber.

A visualização das imagens associadas à linguagem verbal ou não verbal permite aos discentes a capacidade de interpretação, em um primeiro momento, da mensagem a qual está sendo transmitida aos mesmos através da linguagem corporal e das emoções e, possibilitando ainda, em

um segundo momento, a realização de uma nova comunicação entre a língua nativa e a língua estrangeira. Dessa forma, os estudantes imediatamente retomam seu cotidiano pessoal à mensagem visualizada, percebendo um “jogo” de elementos de várias situações e traduzindo as imagens sob aspectos visuais a uma primeira leitura, vindo a despertar o interesse em traduzir os possíveis signos linguísticos apresentados junto com as imagens.

Sob esse ponto de vista, é percebemos que é possível trabalhar gramática, saudações, literatura e cultura, em decorrência da ótica de tradução de imagens. Associar situações cotidianas reais dos alunos da Eja, englobando os conteúdos planejados pelo docente, resgata o interesse do aluno pela disciplina uma vez que ele tem a oportunidade de se ver inserido num componente curricular necessário a sua formação, ele mesmo pode levar suas situações para a sala de aula contribuindo com o professor na criação de aulas futuras. O docente poderá fazer suas pesquisas tanto de acordo com as informações que seus alunos levam para a escola, quanto poderá levar novos desafios para a turma.

Nossa atividade foi realizada na turma de 9º ano da EJA, da Escola Estadual Professor Antônio Benvindo, situada à rua Napoleão Laureano 576, no Bairro Novo, Guarabira/PB. A situação por nós vivenciada a princípio foi de uma turma não muito presente no início das aulas. As idades, como em toda turma de EJA, eram diferenciadas, mas predomina a faixa jovem. Segundo relatos dos alunos, a Língua Inglesa é difícil de aprender, especialmente no falar, uma vez que nunca foram habituados a praticar pronúncia, seja na Eja ou na época em que estavam na escola regular. A turma é esforçada e consegue acompanhar nosso ritmo, o qual foi programado de acordo com o tempo disponível de aula e em consonância com o ritmo dos alunos. Engajamo-nos a ser bastante objetivos nas explicações, usando para tal um vocabulário de fácil entendimento em língua materna, mas não deixando de utilizar o uso de vários sinônimos, uma vez que, expandindo o conhecimento de signos e significantes em Língua Portuguesa, aumenta a capacidade de compreensão dos léxicos em Língua Inglesa.

Nossas atividades foram expostas através da utilização de notebook, através do qual apresentamos as imagens e explicações. mostramos as imagens, direcionando as aulas para nosso objetivo: a tradução de contextos. Levamos situações habituais como saudações cotidianas mostradas em outdoors, folders, charges e imagens digitalizadas. A cada apresentação visual, direcionamos a turma a falar sobre seu conhecimento prévio, que significado extraíram ao primeiro olhar e como eles interpretaram no contexto geral ampliando pelas imagens.

A título de exemplo, levamos uma sequencia em que uma mãe frita ovos para sua família. As cenas alternadas em linguagem verbal e não-verbal possibilitaram uma interpretação mental descritiva e associativa, onde a turma pode construir individualmente sua leitura e comunicação



com a língua em evidência. Positivamente, a turma desenvolveu uma posição crítica diante de todo o conjunto de atividades.

## **Considerações Finais**

O ensino de LE para jovens e adultos é praticado dentro de um contexto burocrático, cumpridor dos objetivos de planos de curso, distante do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do aluno. Nesse caso, o planejamento adotado não facilita a interação do aluno com os conteúdos, resultando numa série de elementos desconectados de sua realidade.

O compromisso do docente engloba uma esfera de elementos técnicos e interpessoais os quais se tornam um elo e alicerce direcionado a um promissor processo de ensino-aprendizagem na EJA. Reconsiderar o conceito de Língua Inglesa e didática é caminhar para uma reflexão necessária, em vista de promover não só o aprendizado do aluno na disciplina e que o aluno a veja apenas como uma disciplina escolar, mas sim de direcionar o aluno a se compreender socialmente, a perceber que exerce um significado inserido na cidadania e que seu papel como agente social está além de sua cultura.

O professor, sujeito transformador da vida escolar de seu alunado, atuando numa nova ótica de direcionamento como mediador do conhecimento, a escola e os governos responsáveis por oferecerem as ofertas de ensino, precisam atuar em parceria com a realidade dos alunos da modalidade de ensino em questão, fazendo com que o alunado alcance o potencial do seu saber e propiciando de forma adequada a obtenção das competências.

Os resultados de nossas investigações e atividades mostram que a semiótica vem proporcionar uma nova forma de aprendizagem de LE na EJA, facilitando a ponte compreensível de tradução entre a língua origem e a língua destino, levando as experiências dos alunos para sala de aula e utilizando-as como pressuposto para a reflexão e exercício da aprendizagem.

## **Referências**

- AGRA, K.L.O. **A integração da língua e da cultura no processo de tradução**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, pp 1-18, 2006.
- DONDIS, Donis A. Anatomia da mensagem visual. In: **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa, Ed. 70, 1994.
- Perin, J.O. R. **Ensino/aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas: o real e o ideal**. Pelotas: Educat, 2005.
- SANTAELLA, Lúcia. **O Que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

## **Webgrafia**

<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-alfabetizar-letrar/lecto-escrita/artigos/letrar%20%C3%A9%20mais%20que%20alfabetizar.pdf>

(acesso em 28 de setembro de 2013).

<http://www.infoescola.com/filosofia/semiotica/>

(acesso em 29 de setembro de 2013)

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-hinojosa-traducao-estrategia-interculturalidade.pdf>

(acesso em 30 de setembro de 2013)

<http://www.moodle.ufba.br/mod/book/view.php?id=9945&chapterid=9324>

(acesso em 27 de setembro de 2013).

[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impressao.php?id\\_noticia=892](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=892)

(acesso em 27 de setembro de 2013.)